



MARILENE FELINTO

AS MULHERES DE TIJUCOPAPO

7 **PREFÁCIO**
Beatriz Bracher

11 AS MULHERES DE TIJUCOPAPO

178 **POSFÁCIO**
Leila Lehnen

189 **ENSAIO**
João Camillo Penna

FORTUNA CRÍTICA

224 *Marilena Chaui*

228 *José Miguel Wisnik*

230 *Ana Cristina Cesar*

233 *Viviana Bosi*

237 **SOBRE A AUTORA**

OS MISTÉRIOS DAS MULHERES DE MARILENE FELINTO

BEATRIZ BRACHER

Sou uma mulher sozinha indo pela estrada.

MARILENE FELINTO, *As mulheres de Tijucopapo*

As mulheres de Tijucopapo é um livro novo.

Voltei a *As mulheres de Tijucopapo* quase trinta anos após minha última leitura. Lá estava o asfalto alagado pelo sol de Recife, São Paulo e a raiva, a estrada para o sertão, as mesmas palavras e paisagens e tudo era novo, à flor da pele. O livro me puxou para dentro de si sem pedir licença.

A primeira vez que o li foi no fim da década de 1980. Não tive nenhuma dúvida de sua excepcionalidade. Em 1992 a Editora 34 estava nascendo, entramos em contato com Marilene Felinto para que uma de nossas primeiras publicações fosse a reedição de *As mulheres de Tijucopapo*.

Inaugurar uma editora que ambicionava trazer ao mundo o inédito lançando uma reedição seria uma contradição se o livro a ser reeditado, dez anos após sua primeira publicação, não fosse o que de mais novo havia sido escrito por um autor brasileiro contemporâneo naquele momento.

Pois bem, por esses mistérios que algumas obras de arte contêm, o livro é hoje ainda mais novo do que em 1992. E mais excepcional dentre tudo que escrevemos nas últimas décadas no Brasil.

As mulheres de Tijucopapo é um livro de viagem.

Livros de viagem, em geral, trabalham com a fricção entre o personagem e o mundo. Este último oferece obstáculos, encontros e desencontros ao personagem, que se transforma ao vivê-los. O mundo pode permanecer o mesmo, à espera do protagonista,

ou pode estar em transformação, em guerra. Em ambos os casos, estático ou em transformação, o mundo é sempre estrangeiro, de início desconhecido, revelando-se conforme o personagem o percorre e ganhando relevância à medida que oferece resistência.

Neste romance, o mundo está sendo construído. É um ser tão orgânico quanto a narradora, Rísia, e com ela se mistura.

A estrada é a escrita, e o mundo, o passado de Rísia. Esse passado não é recuperado nem revelado; ele é construído com poucos elementos que vão se recombinao ao longo do caminho. Mais do que o desvendamento de uma passagem ou paisagem, acompanhamos um processo de colagem. O passado é recortado e remontado vezes seguidas. No correr das páginas, algo se torna estável, parte da história se sedimenta, principalmente a infância, em Recife, e em São Paulo, à véspera da partida para Tijucoapapo. Sobre esse chão parco, porém reconhecível, uma linha cronológica do passado guia a narrativa; sobre ele a viagem acontece.

A simultaneidade de tempos não é uma impossibilidade no texto de Marilene Felinto. Em uma cena de cinema, os elementos existem todos a um só tempo para o espectador. Em um texto escrito, é preciso ler palavra após palavra a descrição, além do sentimento do corpo dos personagens, seu tom de voz, os detalhes da sala em que a mãe trança o cabelo da filha enquanto lágrimas escorrem de seus olhos. Lá fora o movimento da rua e as várias ações que ali acontecem: a menina que surge, com roupa limpa, a trança molhada das lágrimas da mãe, fim de tarde, senta-se na calçada esperando o moço do rolete de cana, mais ao fundo, o pipoqueiro e outras crianças brincando. No cinema, tudo está lá ao mesmo tempo. No texto escrito, tudo precisou ser construído, uma palavra depois da outra. A isso se chama simultaneidade de elementos e impossibilidade de simultaneidade de elementos.

Se acrescentamos som à imagem, é possível ter não apenas a simultaneidade dos elementos, como a de tempos. Pois a música carrega o sentimento desenvolvido em um momento

do filme para outro, em um contexto completamente diferente. Essa concomitância de diferentes tempos em uma mesma cena cria correntes de significados dentro de uma história maior do que o filme deixa ver.

A impossibilidade, em um texto escrito, da simultaneidade de elementos e de tempos faz com que o suspense e a surpresa, a capacidade de envolver o leitor e o recurso ao cruzamento de diferentes momentos se tornem mais difíceis do que nas artes audiovisuais. Ser difícil não é necessariamente ruim. Os escritores sabem tirar proveito dessa sobreposição do mundo físico ao qual o cinema está fadado.

Em *As mulheres de Tijucoapapo*, Felinto usa com maestria instrumentos dos dois meios: a construção do mundo interior complexo, próprio da literatura, combinado a cápsulas-palavras que, como notas musicais, transportam o tempo e os sentimentos de um lugar a outro. Um fragmento de cena, que surge primeiramente dentro de seu contexto, aparecerá mais à frente, por meio de poucas palavras, em um contexto ao qual não pertence, transportando o momento e o sentimento de uma cena para a outra, acrescentando ao fragmento um significado conhecido, porém inesperado.

As mulheres de Tijucoapapo é um livro novo.

Não sei explicar a novidade desse livro, de onde vem o impacto que sua leitura causa. Seu lugar parece ser o de uma ilha que emerge a cada reedição (essa já é a quarta editora na qual o livro aporta).

Marilene nasceu em 1957, em Recife, e foi criada em São Paulo, para onde a família se mudou em 1968. *As mulheres de Tijucoapapo* foi escrito quando a autora tinha 22 anos. Um ano depois, recebe o Prêmio Jabuti na categoria Literatura Adulta (autor revelação). A esse romance seguem-se, entre outros, *O Lago encantado de Grongonzo* e *Postcard*. Além de escritora, Marilene Felinto é tradutora e colunista da *Folha de S. Paulo*.

Na Flip 2019, que homenageou Euclides da Cunha, Felinto contou que provavelmente descende da população massacrada em Canudos. Sua avó provavelmente fora uma retirante da seca que, como muitos, vagava pela caatinga em busca de comida; sua mãe foi doada aos quatro anos e não se tem qualquer registro de sua origem.

Na mesma ocasião, a autora se definiu como uma escritora obsoleta. No entanto, há uma infinidade de monografias e teses sobre sua obra. Para confirmar seu reconhecimento acadêmico, ao final deste livro vocês encontrarão textos de Marilena Chaui e José Miguel Wisnik, entre outros.

Ler *As mulheres de Tijucoapo* me trouxe o sentimento de que algo novo nasceu, algo que nos torna não exatamente obsoletos, mas ao contrário: um pouco juvenis e perdidos.

BEATRIZ BRACHER é editora, poeta e roteirista. É autora de *Antonio* (2007), *Meu amor* (2009) e *Garimpo* (2013), todos publicados pela Editora 34. Recebeu diversos prêmios por suas obras, entre eles o Prêmio Clarice Lispector, da Fundação Biblioteca Nacional, que elegeu *Meu amor* como melhor livro de contos de 2009, e o Prêmio apca na categoria Contos/Crônicas com *Garimpo*, em 2013.

AS MULHERES DE TIJUCO PAPO

I celebrate myself, and sing myself.

WALT WHITMAN, "Song of Myself", 1892.

*A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste,
que me deu uma alma agreste.*

GRACILIANO RAMOS, *São Bernardo*, 1934.

Quando eu chegar lá, e com certeza já terei visto flores, quero ver flores vermelhas, quando eu chegar lá depois de ter passado por canteiros de flores no meio das campinas, vou passar a carta para o inglês e enviar.

Eu quero que o que eu fale se pareça com inglês, outra língua que eu sei falar, uma língua estrangeira. Dizer “*goodbye mother!*” “*goodbye father!*” “*goodbye you!*” serve-me tão mais, às vezes, ao invés de: Adeus mãe! pai! vocês!

Ainda não vi flores. Quero ver flores. No meu caminho há babaçus e mocambos. Ontem me lembrei que mamãe nasceu em Tijucopapo. Se houver uma guerra, a culpa é dela.

Foi em Tijucopapo que minha mãe nasceu. Embora tudo se esconda de mim. Mas sendo que sei sobre o que ela me contou em acessos de um desespero triste, e sobre o que sei que sou e que é dela e que escutei no bucho dela e que está traçado na testa dela e no destino nosso, meu e dela.

Me vem barro na boca, gosto vermelho, cuspo farinha, os dentes rangem. Eu tinha cinco anos e comia terra e cagava lombriga abestalhada, os olhos arregalados como os de boto, sem que nada me impedisse, porém, de correr em disparada no outro dia e deslizar de cima a baixo do morro de terra, me embolando, me enrolando, comendo, cuspendo e cagando e dizendo aos ventos que “Vão à merda das minhas lombrigas, papai e mamãe, vocês que se intrigam e me intrigam nas suas intrigas me fazendo chorar tanto assim. Vão aos meus oxiúros, às minhas giárdias...”. E eu fazia pó de terra e despejava na cabeça. Eu saía de lá, fim de tarde, cinzenta como um calunga de caminhão, satisfeita, alimentada, e sabendo que se papai me pegasse era uma pisa.

Papai quase sempre me pegava. Apanhei muito já.

Só sei que minha mãe nasceu em Tijucopapo. Lugar de lama escura. O resto, mistério, nem ela sabe. Só eu que sei.

Vou ver se a carta pode ser em inglês. Em inglês sairia mais fácil, há lugares e nomes mais sonoros de casas e gentes em inglês, coisa de filme em cinema.

Não sei direito por que vou aqui, caminho afora. Parece que fiz comparações e não serviram. Quero ver flores.

2

SOBRE A AUTORA

MARILENE FELINTO nasceu em Recife, em 1957, e foi criada em São Paulo, para onde sua família se mudou em 1968. Formou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) em 1981.

As mulheres de Tijucopapo, seu romance de estreia, editado pela primeira vez em 1982, recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Literatura Adulta (Autor Revelação) e também foi premiado pela União Brasileira de Escritores, tendo sido traduzido para o inglês, francês, holandês e catalão.

Publicou coletâneas de contos e ensaios, entre eles *Autobiografia de uma escrita de ficção – ou: porque as crianças brincam e os escritores escrevem* (edição da autora, 2019); *Fama e infâmia: uma crítica ao jornalismo brasileiro* (edição da autora, 2019); *Contos reunidos* (edição da autora, 2019); *Sinfonia de contos de infância* (edição da autora, 2019); *Obsceno abandono* (Record, 2002); *Jornalisticamente incorreto* (Record, 2000); *Postcard* (Iluminuras, 1991); *O lago encantado de Grongonzo* (Guanabara, 1987); *Outros heróis e este Graciliano* (Brasiliense, 1983).

Marilene também traduziu para o português diversos ensaios e obras de literatura, de autores como Edgar Allan Poe, Virginia Woolf, Ralph Ellison, Tom Wolfe e Richard Burton. Visitou como escritora convidada a UC Berkeley, nos Estados Unidos, a Haus der Kulturen der Welt, na Alemanha, o Ministério da Cultura da França, a Universidade de Utrecht, na Holanda, e a Universidade de Coimbra, em Portugal.

Escreveu para a revista *Caros Amigos* e atualmente é colunista do jornal *Folha de S.Paulo*. Em 2019, participou como autora convidada da Flip – Festa Literária Internacional de Paraty e do International Literature Festival, em Houston e San Antonio, nos Estados Unidos.

© Marilene Felinto, 1982

© Ubu Editora, 2021

Coordenação editorial Florencia Ferrari
Assistentes editoriais Gabriela Naigeborin,
Isabela Sanches e Júlia Knaipp
Digitação e revisão de originais Alexandre Yugo Okamoto
Preparação Leonardo Ortiz
Revisão Cláudia Cantarin e Orlinda Teruya
Design Elaine Ramos
Assistente de design Livia Takemura
Produção gráfica Marina Ambrasas

Comercial Luciana Mazolini
Assistente comercial Anna Fournier
Gestão site/Circuito Ubu Beatriz Lourenção
Criação de conteúdo/Circuito Ubu Maria Chiaretti
Assistente Circuito Ubu Walmir Lacerda
Assistente de comunicação Júlia França
Atendimento Jordana Silva e Laís Matias

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

ubueditora.com.br

(11) 3331 2275

  /ubueditora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Vagner Rodolfo da Silva – CRB 8/9410

F315M Felinto, Marilene

As mulheres de Tijucoopo/Marilene Felinto. –
São Paulo: Ubu Editora, 2021. 240 pp.

ISBN 978 65 86497 47 2

1. Literatura. 2. História. 3. Antirracismo.
4. Feminismo. I. Título

CDD 800

2021-1637

CDU 8

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura 800 2. Literatura 8